



CEILÂNDIA

Sob o título Ceilândia a cidade... o homem... o trabalho comunitário, a Administração da cidade elaborou um relatório que será apresentado a um congresso internacional, mostrando o amadurecimento da comunidade.

Recado para o Presidente Figueiredo, o noivo da Ceilândia, para quem ela é a menina dos seus olhos, como disse certa feita: a renda "per capita", do povo ali, é de Cr\$ 1.109,64 por ano.

Pobre sem vez

Mas a menina-órfã ainda brinca de "Marco" a procura de sua mãe

"O processo educativo comunitário que vem sendo implantado na Ceilândia, através de vários projetos sociais e humanos, está se consolidando cada vez mais, graças a mudança de mentalidade, de hábitos e atitudes da população", a declaração é feita por Maria de Lourdes Abadia Bastos, administradora daquela satélite, por ocasião da elaboração de um livro-documento que sintetiza o Projeto Ceilândia, e que será apresentado a um Congresso internacional de desenvolvimento comunitário, recentemente realizado em Belo Horizonte, que elegeu a Ceilândia como representante do Distrito Federal.

Nesse documento é relatada a experiência de desenvolvimento da comunidade, desde 1971, resultado do trabalho de uma equipe interdisciplinar que se dispôs enfrentar desafios, a ignorar bloqueios e acima de tudo a ter coragem de intervir numa realidade canalizando potencialidades e integrando esforços entre Governo e população na solução de problemas e integrando esforços entre Governo e população na solução de problemas locais.

SEMINÁRIO

No final do ano de 1974, o Governo do Distrito Federal realizou em todas as cidades-satélites e também no Plano Piloto um Seminário de Integração com vistas a um conhecimento da realidade urbana e visando elaborar um diagnóstico real do Distrito Federal para posterior desencadeamento de uma ação integrada.

Somente na Ceilândia participaram 19 representantes de órgãos públicos e instituições locais, quando foram levantados 387 problemas. Dos quais foram extraídos 150 como mais prioritários, de acordo com as necessidades e aspirações da população, e que serviram como referências para as ações que estão sendo desenvolvidas na comunidade.

Ceilândia conta atualmente com uma população estimada em duzentos e setenta e cinco mil habitantes, incluindo os setores habitacionais novos. Na opinião da administradora Maria de Lourdes, "na época da implantação da cidade cada família recebeu um lote e hoje podemos encontrar até oito famílias residindo num mesmo lote e a tendência é aumentar, pois o fluxo migratório continua e a Ceilândia é a grande receptora dos migrantes pobres e sem especialização. O plano urbanístico está sendo preservado, mas a cidade está "inchando" e sofrendo influência dos novos conjuntos habitacionais construídos na sua proximidade".

Há ainda, segundo declarações da administradora, uma carência de diversões para a comunidade e esta recorre aos "botecos" nos fins de semana, elevando ainda mais o índice de ocorrências criminais. Os lotes comerciais, na sua maioria não foram ainda vendidos e o comércio se concentrou nas esquinas ou mesmo no meio das residências. Nas antigas invasões, por incrível que pareça - ressalta Maria de Lourdes - havia maior

integração entre os moradores e isto é explicável, uma vez que a construção dos barracos ocorria de forma espontânea, sempre perto de um conhecido, amigo ou parente. Com a remoção - que deu origem à cidade - pela complexidade do trabalho, não foi possível observar a unidade dessa vizinhança, ocorrendo assim uma quebra nas relações interpessoais. Somente agora, depois de sete anos, é que se percebe o fortalecimento dos antigos laços na comunidade.

DORMITÓRIO

O aspecto ambiental da cidade apresenta uma certa agressividade visual, que relembra ainda hoje os primeiros dias da Capital Federal, talvez pela ausência do verde, pela poeira, vento e pelo aspecto dos barracos e pela grande concentração da pobreza. É uma cidade dormitório, embora suas ruas estejam sempre cheias de mulheres e crianças. Pela inexistência de um "centro da cidade", tradição em todos os conglomerados urbanos, é comum observar - se em cada entrequadra considerável número de pessoas que buscam um ponto de encontro e Taguatinga, principalmente, serve como grande acolhedora da população vizinha, graças a sua característica de uma cidade que já possui vida própria e oferece empregos, outra grande carência da Ceilândia, transformada em problema econômico comunitário com grande índice de desemprego, subemprego e mão-de-obra desqualificada. A renda média familiar da população varia de zero a três salários mínimos.

A Ceilândia dispõe de um comércio pouco diversificado, sendo complementado pelas feiras-livres, no entanto pequenas indústrias voltadas para a construção civil começam a surgir com fabricação de tijolos, pré-moldados, esquadrias e grades para portões. E também razoável o número de oficinas mecânicas, depósitos de ferro velho, garrafas, farmácias e padarias. Estatisticamente 47,7% da população empregada, dedica-se a profissões ligadas à construção civil, 29% profissão não especializada (biscateiros ou de subsistência) e os 23,3% restantes são comerciantes, funcionários públicos, mecânicos e motoristas.

A Ceilândia é caracterizada como a cidade de mais baixa renda "per capita" do Distrito Federal, com oitenta e um por cento dos seus habitantes com renda "per capita" em torno de Cr\$ 1.109,064 por ano, é quando o chefe da família vai para a construção civil e a mulher toma conta do boteco, "montado" em sua própria residência, fora de zoneamento adequado, lava e passa roupa "pra fora", trabalha como diarista em limpeza de casas no Plano Piloto, faz doces e salgados para as crianças venderem, assim como também vendem ovos, amendoim, picolé, jornais e "dim-dim", quando não partem para o furto. A média de filhos por família é, segundo dados da Codeplan, de 6, e a renda do chefe não dá para o sustento da casa.



Um aglomerado urbano que cresceu vertiginosamente